



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

A ILLUSTRACÃO POPULAR: CHRONICA SEMANAL¹ (Lisboa, 1884) – Propriedade de Humberto S. Pinto (ca. 18--), apregoava ser “redigida por uma Sociedade d’Homens sem Lettras”. Pertence ao universo das publicações não especializadas e ilustradas que pululavam na imprensa periódica portuguesa dos últimos dois decénios do século XIX e que, amiúde, tinham em comum o vocábulo “Ilustração”, no título.

No entanto, esta revista distinguia-se das suas congéneres pela sua escrita de crítica social. E também por não incluir publicidade nas suas páginas, ficando, assim, refém do financiamento das assinaturas que conseguisse vender. Durou seis meses, com periodicidade semanal. Um a um, saíram os 26 números que constituem a sua coleção completa, todos impressos em Lisboa, na “Typ. Da Empreza Litteraria Luso-Brazileira, Pateo do Aljube, 5”².

Publicava-se às “Quintas-Feiras”; recebia-se a sua “correspondência á Livraria Popular, na R. Augusta, 222”, em Lisboa; e o seu preço era módico: “por anno ou 52 n.ºs, 1\$000 réis – Cada n.º, 20 réis”. Estes elementos encontram-se no cabeçalho, que inclui a ficha técnica da publicação, desde o número inicial de 1 de julho de 1884, ao número final, o n.º 26 de 25 de dezembro do mesmo ano.

PROGRAMA EDITORIAL

A revista abre com “O Nosso Programma”, onde se lê que “não vem deduzir artigos de preferência, no grande pleito em que é disputado o favor publico, nem tão pouco entra

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/aillustracaopopular/aillustracaopopular.htm>.

² Nesta tipografia imprimiram-se periódicos da mesma tipologia ou semelhantes, e que rivalizavam entre si no mercado comercial, como: *A Ilustração Universal: revista dos principais acontecimentos de Portugal e do estrangeiro* (1884-1885), que se imprimia há cinco meses (desde 9 de fevereiro de 1884); o *Almanach Camões para...* [1880-?]; e o *Almanach do Antonio Maria para...* (1881-1882?).

na liça da imprensa para supplantar adversários que primam pela elegância³, com que sabem esgrimir as polidas armas de estilo, da crítica e do espírito. Afirma-se que “modesta, como o qualificativo que adoptou, tem uma única aspiração – entrar na oficina, no *atelier*, na escola, nas salas e nos palacios, sem se tornar notável pelos artifícios da phrase, nem antipathica pela escolha do assumpto”. Mais à frente, contradiz essa intenção de querer atingir todos os tipos de público: “A ILLUSTRAÇÃO POPULAR é uma publicação especialmente destinada às classes laboriosas, que não podem comprar as edições de luxo, mas apesar da modicidade do seu preço, oferecerá aos menos abastados uma selecta colecção de ilustrações e a todos os seus leitores uma chronica circumstanciada dos mais notáveis acontecimentos da semana, uma revista dos theatros, a descrição das gravuras, um romance em folhetim, uma secção de poesia, outra de charadas, enygmata ou logogrifos, além de quaesquer assumptos, que á redacção pareçam de interesse publico”.

Antes, insiste que é “redigida por uma sociedade de homens, desconhecidos no mundo litterario”, e que “não pretende subir ao pantheon da gloria para ser coroada pela fama, mas aspira a guardar ilibado o tesouro da língua pátria, tão rica que não carece de augmentos e tão bella que não precisa de adornos estranhos”. Por fim, os responsáveis da publicação dirigem-se, novamente, ao público em geral: “Nós promettemos pouco para podermos ser exactos e escrupulosos no cumprimento do nosso dever, e temos fé que o publico hade corresponder á boa vontade, com que nos havemos de esforçar por captar-lhe a benevolência” (n.º 1, p. [1] -2).

ANÚNCIO FINAL

Ao fim de seis meses, contrariamente ao desejado, a *Empreza da Illustração Popular* anuncia a suspensão da revista, no último “Expediente” que subscreve, e onde se lê

³Referência provável a *A illustração: revista quinzenal para Portugal e Brazil* (1884-1892; existe, completa, na colecção da Hemeroteca Municipal de Lisboa), publicada desde 5 de maio de 1884, então impressa em Paris, e que era um “elegante e formoso jornal” segundo o lisbonense conceituado *O Occidente* (1878-1915), de 21 de julho de 1884 (n.º 201, p. 162). Outro periódico rival, *A Illustração Portuguesa: semanario: revista litteraria e artística* (Lisboa, 1884-1890), era editado pela empresa de um jornal fundado em 1872, a *Typografia do Diário Illustrado*. Curiosamente, *A Illustração Popular* apresenta uma estrutura gráfica semelhante a *A Illustração Portuguesa*, e ambas são lançadas na mesma data, 1 de julho de 1884. Só que a última, *A Illustração Portuguesa*, foi anunciada um mês antes, num *Numero Propecto* (Junho de 1884). Está disponível na Hemeroteca Digital, em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AllustracaoPortuguesa_Semanario_1884_1890/Web_AllustPort_1884_1890/AllustracaoPortuguesa_1884-1890.htm).

que “o fim único da publicação foi proporcionar às classes proletárias um hebdomadario ilustrado por um preço módico e com assumptos acomodados ao grau de instrução dos seus leitores”; que “cumpriu religiosamente o seu programma á custa de inúmeros sacrifícios; mas não pôde levar tão longe a sua abnegação, que continue a comprometter capitaes, em proveito d’uma parte dos assignantes, que só o eram para receber cada número, sem se lembrarem, que as publicações desta ordem são dispendiosas e exigem um desembolso immediato de dinheiro”. Paradoxalmente, explicita-se ainda que “da parte da empresa não ha o menor ressentimento para com o publico, porque a empresa teve sempre o bom senso de não esquecer a pequenez do paiz e as forças do mercado”. E a *Empreza* termina com três agradecimentos: aos assinantes pagantes; à “imprensa o favor que nos dispensou, recomendando a leitura do nosso hebdomadário⁴ e, aos cavalheiros que nos distinguiram com a sua collaboração” (n.º 26, p. 208).

ESTRUTURA GRÁFICA

A estrutura gráfica da revista manteve-se inalterável até ao fim da publicação. Impressa a duas colunas, e medindo cerca de 32 cm de altura, esta revista apresenta uma paginação continuada, totalizando 208 páginas. Cada um dos seus vinte e seis números é composto por oito páginas, que incluem quatro gravuras legendadas: uma na primeira página, duas nas páginas interiores, e uma na última página.

A revista apresenta um cabeçalho muito ilustrado, não assinado, que integra elementos florais e uma gravura marítima que inclui a Torre de S. Vicente de Belém. A sua mancha gráfica é espaçada, com os textos separados pelos títulos das secções em maiúsculas, e por pequenas vinhetas.

⁴Num anúncio sobre *A Ilustração Popular*, embora num estilo neutro, escreve-se que “trazem os dois primeiros números algumas gravuras de costumes populares, como: Vendedoras de peixe, o padeiro, o aguadeiro (n.º 1, p. 5), mulher de Avintes (de Columbano, n.º 2, p. 9), e outras representando vários assumptos, e artigos variados. Desejamos longa vida e prosperidade ao novo colega”, na rubrica “Publicações” do famoso e já implantado no mercado periodístico, *O Occidente*, no mesmo número mencionado na nossa anterior nota, consultável na Hemeroteca Digital, em:

http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1884/N201/N201_item1/P8.html).

SECÇÕES

À gravura regular na sua primeira página, segue-se a “Chronica da Semana” com *Summario*, de autoria desconhecida, e que constrói, no seu todo, uma análise crítico-social de Portugal no primeiro semestre de 1884. Esta sequência quebra-se no número um, devido à inclusão do texto “O Nosso Programma”, e que relega a crónica semanal para a página dois desse número inicial.

A “Descrição das Nossas Gravuras”, também de autoria anónima, é a segunda secção da revista, composta por pequenos escritos despreziosos e separados por vinhetas, sobre as imagens variadas que visam o embelezamento das páginas, e não a ilustração dos temas inclusos.

Depois da publicação de duas gravuras a ocupar, cada uma, as páginas inteiras centrais, encontra-se a “Revista dos Theatros”, sem identificação autoral, de crítica teatral a representações em exibição, em Lisboa e no Porto. Esta secção inicia-se, no entanto, com outro tipo de crítica, às próprias salas de espetáculos de Lisboa, dizendo que “não é época própria de espectáculos. O verão é inimigo dos emprezarios e, n'estas noites de estio é mais agradável um passeio ao Campo Grande do que a alta temperatura do Gymnasio ou da Trindade”; acrescenta que “a única sala toleravel é a do Colyseu, onde ha uma ventilação regular” (n.º 1, p. 6).

Segue-se a secção “Carteira Útil” que recebe a influência da *filosofia positivista*⁵. Aqui, a revista oferece aos seus leitores “indicações scientificas ou experimentaes, que tenham imediata applicação a diversos casos da vida ou manifesta utilidade na economia domestica” (n.º1, p. 6-7).

Em sequência, vem o espaço literário, que é constituído pelo “Album”, onde se publica um poema semanal; e um folhetim, em continuação, “*Por um Beijo*: romance de Ernesto Capendu⁶”, aqui em publicação póstuma.

⁵A *filosofia positivista* foi definida pelo francês, considerado o pai da Sociologia, Auguste Comte (1798-1857), no seu *Cours de Philosophie Positive* (1830-1842); foi divulgada, entre nós, no periódico especializado *O Positivismo: revista de Philosophia* (Porto, 1878-1882), dirigido por Theophilo Braga e pelo jovem Júlio de Matos; e que faz parte do espólio da Hemeroteca Municipal de Lisboa. Existem na Hemeroteca Municipal os primeiros 3 volumes desta publicação.

⁶Nome aporuguesado de (François-Pierre) Ernest Capendu (1825-1868), autor do romance em folhetim *Pour un Baiser* (*Cadot*, Paris, 1864). Foi um popular escritor francês do século XIX. Muito viajado, foi dramaturgo e autor de cerca de quarenta novelas, e o pioneiro dos romances-folhetim, publicados em série, dos quais o primeiro, *Mademoiselle La Ruine*, foi publicado em *Le Mousquetaire*, o *journal* de Alexandre Dumas, em 1856, o qual muda para *Cadot* em 1857.

A fechar cada número da revista, encontramos um espaço lúdico que inclui *charadas*, *logodriphos* e *enigmas*, os quais, a partir do quarto número da revista, passam a fazer parte do título “Passatempo”. Esta secção popular, muito apreciada à época, atraiu muitos colaboradores que enviaram tantas produções para a revista, que esta passou de um pequeno espaço a uma coluna inteira, em três meses (n.º 16, p. 128. Aqui, 19 colaboradores desconhecidos, dos quais a maioria assinava com nomes fictícios, desafiavam-se entre si; as soluções dos problemas, reveladas no número seguinte, eram cada vez mais difíceis, ao ponto de Custódio Silva (?) publicar 4 quadras intituladas “Ao Inclito Charadista *Pequeno Antoninho* (?)”, as quais terminam assim: Depois de muito meditar, -*A Ilustração Popular* me dará a decifração” (n.º 23, p. 184).

Aparece depois um espaço cultural assinado por vários colaboradores, que é apresentado no primeiro “Expediente” de “A Redacção” da revista: “Com a epigraphie *Miniaturas*, abrimos uma secção na qual serão publicados esboços biográficos dos homens mais notáveis nas sciencias, nas artes e nas letras”. Neste *expediente* lança-se, também, um desafio para que “a classe operária se aproveitasse das columnas da *Ilustração Popular*, ou escrevendo ou fornecendo (-nos) apontamentos para uma *Chronica das oficinas*”, a qual não passou de uma ideia. E, pode deduzir-se pelo sucesso do espaço lúdico da revista, acusa-se “a recepção de uma carta firmada por Assa & Sinos, sociedade constituída para decifrar as (nossas) charadas e logogriphos” (n.º 4, p. 32).

COLABORADORES E CONTEÚDOS

Os seus colaboradores literários contemporâneos identificáveis, e que assinam produções na secção literária “Album”, não são muitos. Passamos a nomeá-los, por ordem de entrada: Adelino Veiga (1848-1887), nascido em Coimbra e que ficaria conhecido como o *poeta-operário*, publica o soneto “Deus” (n.º 1, p. 7); Pereira da Cunha (1818-1890), colabora com o poema “N’Uma Lapida” (n.º 2, p. 15); Alfredo Campos (1847-1906) deixa-nos o soneto “Flores Murchas” (n.º 3, p. 22); Fernando Caldeira (1841-1894), com o poema “D’ahi, da negra bocca desconforme” (n.º 5, p. 38); Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), a mostrar a sua veia poética, com “Ciume! És ígnea serpente” (n.º 6, p. 46); Alfredo Ceylão (?-1944) com o poema “Castro Alves” (n.º 7, p. 51); Anna de Albuquerque, a poetisa depois da atriz, publica “Na triste escuridão da minha vida” (n.º 8, p. 63); Alberto Carlos (1850-1903) com o soneto “Jeovah” (n.º 10, p. 76); F. J. Ramos publica “Oh terra criadora, oh natureza” (n.º 11, p. 86); Manoel Flores colabora com 4 poemas variados: “Ultima Ratio” (n.º 13,

p. 102), “Amor?!” (n.º 14, p. 110), “A tua vida, creança” (n.º 15, p. 115), “Nox”, enviado de Villa do Conde (n.º 18, p. 142); de Jenny⁷, um extrato do poemeto “Um Sonho” (n.º 17, p. 134), e “O Barqueiro” em quadras (n.º 21, p. 167); António de Vasconcelos (1860-1941), com 2 sonetos: “Fui de noite passear a um cemitério” (n.º 19, p. 150), e “Nós temos ilusões, sonhos dourados” (n.º 23, p. 182); Manuel Ferreira da Portela de Sattam, o poema em quadras “As ondas” (n.º 20, p. 155); João de Deus (1830-1896), o poeta-pedagogo publica “Adeus” em quadras (n.º 22, p. 174); Jorge Sandoval com a balada “Um Conselho Bem Acatado” (n.º 25, p. 198); e José Simões Dias (1844-1899) com o salmo “Dia de finados” (n.º 26, p. 205-206).

Nesta revista, também se encontram poesias publicadas postumamente, na mesma secção, “Album”: de Cazimiro de Abreu (1839-1860), poeta brasileiro, intitulada “Deus” em quadras (n.º 4, p. 30); de Augusto Lima (1842-1883), o soneto “Os Ferreiros” (n.º 9, p. 70); da Marquiza de Alorna, título nobiliárquico de Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre (1750-1839), “Pyrilampo” em quadras (n.º 16, p. 126); e de M. M. B. Du Bocage (1765-1805), o soneto “Meu ser evaporei na lida insana” (n.º 24, p. 190).

Dos autores artísticos identificáveis nas gravuras deste periódico, encontramos: Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), que desenhou e/ou pintou “Mulher de Avintes: Costumes Portuguezes” (assinatura à esquerda), sob a gravura (à direita) de Hildibrand⁸ (n.º 2, p. 9); “R. (Ribeiro) Christino (1858-1948), autor de “Palácio da Exposição Agrícola na Real Tapada da Ajuda em 1884”, sem o nome do gravador, a ocupar duas páginas (n.º 5, p. 36-37); o francês Alexandre de Bar (1821-1908), como autor dos desenhos de “Bahia de Santa Izabel (Ilha de Fernando-Pó)” (n.º 10, p. 73), “Quingolo” e de “Rio Moondah” (n.º 11, p. 81, p. 88), de “Mulher do Cairo” (n.º 16, p. 128), todos com gravadores ininteligíveis, e de “Forte Goréa”, este gravado por Hildibrand (n.º 19, p. 145); e ainda de outro francês, J. (Jean-Baptist) Regnault (1754-1829), “Romanos Jogando a Mora”, publicado postumamente, cujo gravador não identificámos (n.º 19, p. 148).

⁷A Jenny, é muito provavelmente a poetisa conimbricense (Amélia) Janny (1841-1914), por esta ser contemporânea de João de Deus que lhe dedicou um poema, e por Columbano Bordalo Pinheiro ter feito o seu retrato à *penna*, com o qual a presenteou. Estas três personalidades estão representadas nesta revista.

⁸Este Hildibrand, poderá ser Hildebrand, Adolf von (1847-1921), considerado o melhor escultor alemão entre 1880 e o fim da I Grande Guerra (rival do escultor francês Auguste Rodin (1840-1917)), que se estabeleceu em Florença em 1873, e onde viveu durante 20 anos a criar trabalhos diversos por encomenda. Naquela época, as gravuras eram impressas soltas e vendidas, ou trocavam-se entre tipografias, aparecendo imagens iguais em publicações diferentes.

No espaço biográfico “Miniaturas” colaboram: o professor-crítico de arte José Pessanha (1865-1939), com textos sobre “Raphael” (n.º 4, p. 31), “Miguel Angelo” (n.º 6, p. 46), “Gil Vicente” (n.º 7, p. 54), “Camões” (n.º 10, p. 78), “Rubens” (n.º 11, p. 86), “Ariosto” (n.º 13, p. 100), e “Calderon” (n.º 19, p. 150); Rogério Villamaior visa os “Infante D. Henrique” (n.º 5, p. 38, p. 40), e “Infante D. Fernando” (n.º 9, p. 68-69), “Isaac Newton” (n.º 20, p. 157-158), “João Kepler” (n.º 22, p. 173-174), e “Edmund Halley” (n.º 23, p. 182); Miriães da Silva biografa “Nicolau Copernico” (n.º 8, p. 62); Manuel Flores envia de Villa do Conde, textos sobre “Archimedes”, (n.º 14, p. 110), e “Goethe” (n.º 15, p. 115-116), “Schiller” (n.º 16, p. 124), e “Thomaz Ribeiro” (n.º 25, p. 197-198); B. P. escreve sobre o “Visconde de Almeida Garrett” (n.º 18, p. 141-142); Custódio José da Silva fala de “O Marquez de Pombal” (n.º 21, p. 164-165); o publicista A. A. Rodrigues da Cunha (1862-1923) revela “Filippe de Girard” (n.º 24, p. 188-189), e Joseph António de Bettencourt finaliza a secção com “D. Pedro I” (n.º 26, p. 204-205). Acrescentamos que esta secção exhibe um texto sobre “Alexandre Herculano” não assinado (n.º 12, p. 92-93); e que não se publica no número 17 da revista.

São muito interessantes, do ponto de vista da história da Ciência, algumas notícias e artigos publicados na “Carteira Útil”: “da obra do dr. Rengade, *Os grandes males e os grandes remedios*, utilissima publicação que esta fazendo a Empreza Litteraria Luzo-Brasileira” e o artigo “Hygiene preventiva” (n.º 4, p. 30-31); o artigo “Tratamento das Queimaduras” assinado pelo mesmo autor (n.º 8, p. 62); e do médico francês, Izidore Bourdon (1795-1861), autor da obra *Notions d’Hygiène Pratique* (Paris, 1844), os artigos “Hygiene: preceitos relativos ao exercício” (n.º 21, p. 166-167), e “Somno” (n.º 23, p. 181-182).

CONTEXTO POLÌTICO-SOCIAL

Oito anos antes do lançamento de *A Ilustração Popular*, precisamente a 3 de Abril de 1876, funda-se o Partido Republicano Português, que, depois de 1880, nas Comemorações do Tricentenário do Nascimento de Camões, às quais a família real recusa a sua presença, vai afirmar-se como o mais forte grupo de oposição política.

E em 1884, Portugal está a mudar. A 29 de junho realizam-se eleições para a Câmara dos Deputados, por causa da sua dissolução decretada em 24 de maio. Apesar do Partido Regenerador do anterior governo ganhar estas eleições com 73%, apoiado pelo Partido Constituinte que teve 5%; e do Partido Progressista alcançar 21%, o

recente Partido Republicano consegue 1% e a eleição impensável de 2 deputados, mencionados na “Chronica da Semana” de *A Ilustração Popular*, onde se lê que “em Lisboa venceram os quatro candidatos governamentais e os dois republicanos – Elias Garcia e Consiglieri Pedroso”, e que “no Porto foram eleitos os srs. Hintz Ribeiro, Correia de Barros e Martinho Montenegro” (n.º 1, p. 3).

Lemos nas *chronicas*, uma miríade de acontecimentos políticos, ou agrícola-industriais que resultam da industrialização do país, como: o empréstimo do governo português nas praças de Paris e Londres que foi “amplamente coberto”; os anúncios das “experiências das ceifeiras mecânicas do Centro Agrícola Industrial”, na Tapada da Ajuda, “que substituem com uma notavel economia e com um trabalho mais perfeito, o emprego de braços”, e as debulhadoras a vapor vindas de Lincoln, “fabricadas pela respeitável casa Ruston Proctor & C.^a” (n.º 1, p. 2-3).

E também outras notícias sociais e militares são comentadas na secção *Chronica*, nomeadamente: um acidente colonial com pólvora em *Loanda* (n.º 3, 18); a epidemia “do *cholera*”, que grassa na Europa, é um tema reiteradamente abordado, também na secção *Carteira Util*, por vezes no mesmo número da revista (n.º 2, p. 10, p. 14); a visita de “Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I (que) tem ultimamente visitado os hospitais e alguns edifícios publicos e particulares, que podem ser aproveitados para o tratamento de *cholericos*, no caso do terrivel flagello se manifestar e desenvolver na capital” (n.º 4, p. 26), o que não vem a acontecer.

Por Helena Roldão

Hemeroteca Municipal de Lisboa, 5 de Abril de 2017.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SILVA, Innocencio da Silva – *Diccionario bibliographico portuguez: estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa : Imprensa Nacional, 1858-1958.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, 1978.

READ, Herbert (Org.); PÉREZ, Teresa Louro, trad. – *Dicionário da Arte e dos Artistas*. Lisboa : Edições 70, imp. 1990.

CASTRO, Zília Osório de Castro; ESTEVES, João (Dir.) – *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*. Lisboa : Livros Horizonte, 2005.